

NAS TRILHAS DA ESTRADA SANTA CLARA

Leônidas Conceição Barroso

Professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

Professor da Universidade Fumec, Belo Horizonte, MG, Brasil

Resumo

Trata-se do relato de experiências de trabalhos interdisciplinares relacionados ao artigo “Resgate de um eixo de comunicação viária do século XIX com utilização de Sistemas de Informação Geográfica” em coautoria com Márcio Achtschin e Mariana da Silva Ferreira, apresentado na CICIC 2016, em Orlando, Flórida, EUA. Tomando-se a disciplina Geografia, como eixo norteador, e valendo-se de pesquisas em documentos históricos, trabalhos de campo, expedições recentes e do imaginário popular foi possível identificar trechos do traçado original da estrada Santa Clara, que se situava na porção nordeste do Estado de Minas Gerais, Brasil, utilizando as facilidades tecnológicas do ambiente de Sistemas de Informação Geográfica. O resultado obtido visa subsidiar as necessidades de conhecimentos histórico-geográficos para dinamizar o turismo regional.

Palavras-chave: Estrada Santa Clara. Vale do Mucuri. Sistemas de Informação Geográfica. Geografia. História.

INTRODUÇÃO

O projeto originou-se da necessidade de se estudar a região do Circuito Turístico das Pedras Preciosas-CTPP, parte integrante da divisão regional do turismo do Estado de Minas Gerais, Brasil. Os trabalhos são desenvolvidos por uma equipe multidisciplinar, contando com a colaboração de pesquisadores de outras instituições, de estudantes de doutorado e

mestrado da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, além de setores públicos e privados da sociedade do Vale do Mucuri.

Os estudos envolvem vários temas de natureza social, econômica, ambiental, regional, infraestrutural, histórica e cultural, tendo a Geografia como eixo norteador.

A Geografia ocupa-se dos objetos distribuídos no espaço geográfico bem como, os processos naturais, sociais, culturais e tecnológicos envolvidos na produção desse espaço. Examina o objeto a ser representado e procura identificar as ações do homem em sociedade, para reconhecer semelhanças e diferenças e suas consequências em diversas áreas do conhecimento.

Porém, embora necessária, a Geografia por si só não é suficiente para dar respostas aos problemas geográficos da sociedade, dadas sua pluralidade e complexidade, exigindo o enfoque multi e interdisciplinar.

Na formulação de um problema geográfico, pelo menos, quatro elementos se destacam: o espaço, o tempo, a escala e a representação.

Com relação à escala, o espaço geográfico pode ser, por exemplo, uma cidade, um de seus bairros ou mesmo uma de suas ruas, um distrito ou um município, um estado ou uma província, um país, como o Brasil, um continente, como a América do Sul, ou o próprio globo terrestre. O intervalo de tempo pode ser curto, como por exemplo, aquele em que a temperatura varia rapidamente ou o de acomodação de camadas geológicas que pode levar

séculos. A representação permite o armazenamento de informações e a visualização dos resultados de seu processamento. A necessidade de trabalho conjunto com outras disciplinas torna-se, portanto, imperiosa. A interdisciplinaridade se dá, durante o processo de desenvolvimento dos trabalhos.

Tais estudos servem-se do ambiente de Sistemas de Informação Geográfica-SIG, estando abrigados na linha de pesquisa Sistemas de Informação Geográfica do Programa de Pós-Graduação em Geografia-Tratamento da Informação Espacial da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em Belo Horizonte.

Além dos trabalhos em gabinetes e laboratórios nas universidades, há as visitas e trabalhos de campo. As visitas são utilizadas para reuniões, nas quais se faz o planejamento de atividades, especificam-se as áreas a visitar, inspecionam-se documentos e levantam-se hipóteses, com os agentes locais e comunicam-se resultados. Já os trabalhos de campo são realizados para reconhecimento do território e confirmação ou rejeição de hipóteses. Também são promovidos eventos e oficinas com a sociedade local.

Este projeto tem proporcionado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia-Tratamento da Informação Espacial da PUC Minas:

- 1) a ampliação de conhecimentos culturais e histórico-geográficos da região;
- 2) o fortalecimento da bibliografia científica sobre o Vale do Rio Mucuri e regiões vizinhas com a publicação de livros, artigos para revistas científicas e anais de Congressos nacionais e internacionais;
- 3) a titulação de novos mestres e doutores, com conhecimentos aprofundados sobre o Vale do Rio Mucuri e regiões vizinhas;

Para a sociedade do Vale do Mucuri tem contribuído com:

- 1) A disponibilização para o público, gratuita, em ambiente WEB de mapas e textos informativos relevantes ao circuito, tais como www.geografiavaledomucuri.com.br;
- 2) A difusão de conhecimentos histórico-geográficos e culturais sistematizados do Circuito Turístico das Pedras Preciosas.
- 3) A dinamização do Circuito Turístico das Pedras Preciosas do nordeste do Estado de Minas Gerais por meio de indicações de prováveis equipamentos de interesse turístico.

O QUE FOI A ESTRADA SANTA CLARA NO SÉCULO XIX?

O desbravamento da Região do Vale do Mucuri no nordeste do Estado de Minas Gerais e extremo sul do Estado da Bahia vincula-se à atuação da Companhia de Comércio e Navegação do Rio Mucuri na segunda metade do século XIX, quando a Comarca do Serro Frio, na porção Leste da Província de Minas Gerais, enfrentava dificuldades com a falta de um caminho mais curto até o mar para o escoamento da produção agrícola e a importação de gêneros de primeira necessidade, a partir do Rio de Janeiro, então capital do Império Brasileiro (ACHTSCHIN, SOREL, 2006). Em 1847 o empresário e agente político Theophilo Benedicto Ottoni propõe ao governo imperial e o da província de Minas Gerais a criação da Companhia do Mucuri, apontando, entre outras vantagens, facilitar a ligação da região ao litoral da Província da Bahia, utilizando o Rio Mucuri e, a partir daí, pela costa brasileira até o Rio de Janeiro, encurtando distâncias e reduzindo os valores dos fretes. As

operações da Companhia começam em 1851. Entretanto, a navegabilidade do rio se mostra precária em vários trechos em determinadas épocas do ano, gerando a necessidade de construção de uma estrada de 27,5 léguas (1 légua equivale a 6,6 Km), pouco mais de 180 quilômetros, ligando o povoado de Nossa Senhora de Filadélfia ao povoado de Santa Clara. A estrada Santa Clara foi a grande obra da Companhia de Comércio e Navegação do Rio Mucuri,

responsável pela ocupação e povoamento da região, tendo sido a primeira estrada de rodagem do interior do Brasil. O traçado da estrada, Mapa 1, iniciava próximo à cachoeira de Santa Clara (dentro do atual município de Nanuque), passava na Colônia Militar de Urucu (que se localizava no atual povoado de Epaminondas Otoni, município de Carlos Chagas), chegando até o povoado de Nossa Senhora de Filadélfia (hoje a cidade de Teófilo Otoni).

Mapa 1 – Carta Topográfica do Mucuri



Fonte: PENA, 1859; salientado, pelo autor, o traçado do projeto da Estrada Santa Clara.

Em relatório, apresentado aos acionistas da Companhia, Ottoni (1857) relata como foi realizada a construção da Estrada. O empresário comenta que procurou manter a declividade de no máximo 5%, 16 a 20 palmos (1 palmo é equivalente a 22,86 cm) de largura e que dividiu a obra em cinco seções. A primeira, toda ela dentro do Vale do Rio Todos os Santos, iniciava em

Filadélfia e chegava ao Córrego da Saudade. O trecho tinha 4,75 léguas e contava com “17 pontes de boa madeira de lei estivadas de pranchões de três polegadas de espessura” (1 polegada é igual a 2,54 cm). A segunda seção, quase toda também no Vale do Rio Todos os Santos, tinha em extensão 3 léguas e meia, partindo do Córrego da Saudade e

chegando ao Vale do Urucu, mais especificamente no morro do Cupan, tendo 15 pontes de madeira de lei e estivada de pranchões. A terceira seção, chamada de seção Vale do Urucu, possuía 6 léguas e meia, e partia do morro do Cupan até a ponte do Ribeirão d'Areia. Era um trecho, considerado por Ottoni (1857), de trânsito fácil em sua maior parte, em todas as estações climáticas do ano, pela natureza do terreno, sendo apenas a última légua de subida. A seção do Vale do Urucu acompanhava o curso do Ribeirão das Lages e do Urucu, sendo construídas 19 pontes ao longo desse intervalo.

A quarta seção, segundo o relatório, foi a que mais exigiu habilidades de engenharia. Sua extensão era do Ribeirão d'Areia até o Ribeirão da Pedra, contando com sete léguas. O trecho da última seção, de fácil acesso, tinha como ponto final a Vila de Santa Clara e contava com 6 léguas de estrada. O terreno seco e arenoso favorecia o trânsito de carros de tração animal. Em 1857 se dá a inauguração da Estrada que serviu a região intensamente até 1898, quando o trecho ferroviário entre as localidades de Teófilo Otoni e Caravelas, no litoral do Estado da Bahia, foi estabelecido.

QUAIS OS VESTÍGIOS DA ESTRADA SANTA CLARA NO SÉCULO XXI?

O objetivo do trabalho "Resgate de um eixo de comunicação viária do século XIX com a utilização de Sistema de Informação Geográfica" foi a identificação de trechos de concordância entre o projeto do traçado da estrada na *Carta Topográfica do Mucury, Mapa 1*, e o traçado produzido a partir das informações geográficas obtidas de trabalhos de campo e expedições recentes.

Para isso, primeiramente, salientaram-se os aspectos geo-históricos da Região da

Estrada Santa Clara, antigo eixo de comunicação viária importante no início do povoamento do Vale do Mucuri, na segunda metade do século XIX, que se situava no território do circuito turístico, na porção nordeste do Estado de Minas Gerais, Brasil.

O roteiro metodológico incluiu trabalhos de campo nos municípios integrantes do território do CTPP, bem como o exame de mapas e documentos do século XIX.

O levantamento bibliográfico, a análise de documentos cartográficos e os trabalhos de campo ensejaram o tratamento cartográfico para elaboração de mapas temáticos na busca da reconstituição de cenários do passado, bem como dos possíveis cenários atuais presentes no imaginário popular.

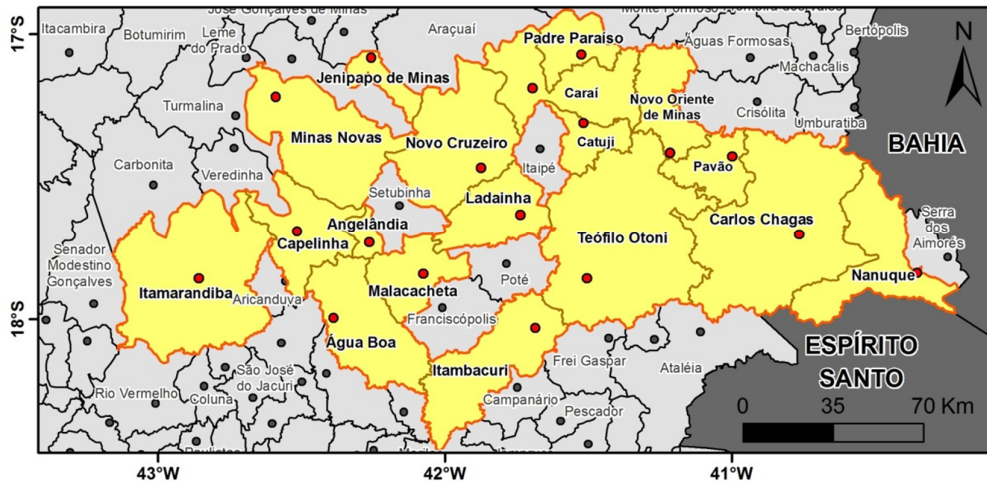
As tecnologias dos Sistemas de Informação Geográfica propiciaram recursos para digitalização, georreferenciamento e vetorização dos documentos cartográficos (FERREIRA, BARROSO, ABREU, 2015; LONGLEY *et al.*, 2013). O SIG foi utilizado como conjunto de técnicas auxiliares à prática da ciência geográfica, tendo sido escolhido o *ARCGIS ArcInfo 9.3.*, produto do *Environmental Systems Research Institute* (ESRI). Os dados geográficos foram tratados e representados em mapas, permitindo a interpretação da informação espacial. Com isso, estabeleceu-se o elo entre o passado e o presente.

A reconstituição do traçado da estrada nas bases cartográficas atuais com auxílio dos SIG permite a visualização do traçado entregue ao tráfego de carroças em 1857 e a comparação com o traçado presumível do imaginário popular de hoje (RAPHAEL, 2012). Os resultados da pesquisa permitiram ampliar o olhar sobre o território estudado ao destacar a importância de registros cartográficos históricos para a compreensão da dinâmica espacial atual, de grande importância para

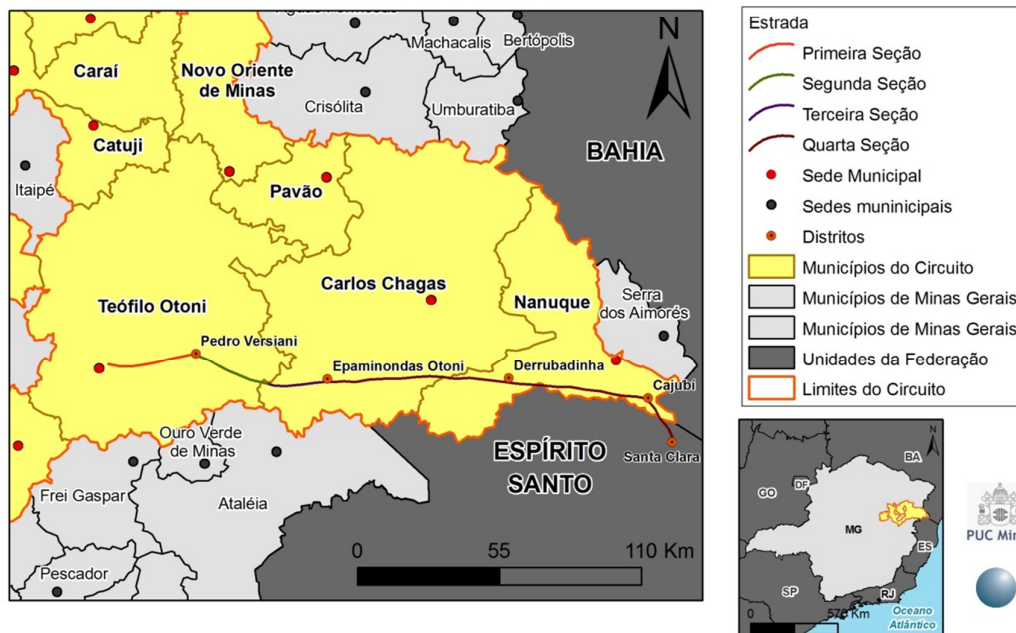
o turismo histórico. O Mapa 2 apresenta os municípios integrantes do CTPP e no Mapa 3 estão representadas, com os topônimos

atuais, as localidades estratégicas ao longo da Estrada Santa Clara no século XIX.

Mapa 2 - MUNICÍPIOS DO ESTADO DE MINAS GERAIS PERTENCENTES AO CIRCUITO TURÍSTICO DAS PEDRAS PRECIOSAS - 2013



Mapa 3 - ESTRADA SANTA CLARA - FILADÉLFIA NO CIRCUITO DAS PEDRAS PRECIOSAS



Fonte: Base cartográfica: IBGE, Malha Municipal Digital 2007; PUC-Minas/ PPGG-TIE/ Lab. Estudos do Vale do Mucuri. Coordenação: Prof. Dr. Leônidas Conceição Barroso Elaboração: Mariana da Silva Ferreira, 2013.

Tais localidades são: Teófilo Otoni que sediava a Companhia de Comércio e Navegação do Rio Mucuri; Pedro Versiani, distrito do município de Teófilo Otoni, que

demarcava o final da primeira e o início da segunda seção da estrada; Epaminondas Otoni, distrito do município de Carlos Chagas, que sediava o Quartel da Colônia

Militar para a segurança da estrada contra ataques de ladrões e indígenas contrários à ocupação do território; Derrubadinha, no município de Nanuque que foi um pouso para descanso de homens e animais; Cajubi, no município de Nanuque, próximo aos armazéns que recebiam as mercadorias que chegavam pelo rio Mucuri e Santa Cruz, hoje pertencente ao Estado do Espírito Santo.

CONCLUSÃO

Os objetivos iniciais foram alcançados, isto é, foram identificadas evidências histórico-geográficas do traçado original do eixo viário (BARROSO, ACHTSCHIN, FERREIRA, 2016). A procura dos vestígios da estrada Santa Clara ensejou o diálogo entre os conhecimentos científicos (dos acadêmicos) e o imaginário popular. A equipe científica preocupou-se em buscar evidências que confirmassem as informações das comunidades do entorno da possível estrada. Os pesquisadores das disciplinas Geografia, História e Sistemas de Informação Geográfica dialogaram para sintetizar as informações em mapas.

Os bancos de dados do Laboratório de Estudos do Vale do Mucuri foram atualizados e continuam sendo, periodicamente, a partir de novas pesquisas, com informações oriundas do conhecimento científico e do imaginário popular, tornando os trabalhos dinâmicos, permitindo uma aproximação cada vez mais precisa do que foi a região servida pela Estrada Santa Clara.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Márcio Achtschin, da Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri, *campus* Teófilo Otoni e à doutoranda da PUC Minas Mariana da Silva Ferreira, coautores do artigo “Resgate de um eixo de comunicação viária do século XIX com

utilização de Sistemas de Informação Geográfica”;

À Dra. Magali Maria de Araújo Barroso, do Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH, pelas sugestões e discussões valiosas durante a preparação deste texto;

Ao Doutorando da PUC Minas Diego Felipe Cordeiro Alves, criador do *site*

www.geografiavaledomucuri.com.br;

Ao Arquiteto Igor Sorel Tavares, da Prefeitura Municipal de Teófilo Otoni, profundo conhecedor do território e da História do Vale do Mucuri, e o grande guia nos trabalhos de campo.

REFERÊNCIAS

M. ACHTSCHIN; I. SOREL. História da Ocupação no Vale Mucuri. In: M. A. FERNANDEZ (Org.) Expedição Rio Todos os Santos - Rio de todos que te queremos santo. 1 ed. Belo Horizonte: Movimento Pró Rio Todos os Santos e Mucuri, 2006, v. 1, p. 42 – 45.

L. C. BARROSO; M. ACHTSCHIN; M. S. FERREIRA. Resgate de um Eixo de Comunicação Viária do Século XIX com Utilização de Sistemas de Informação Geográfica. Memórias da Sexta Conferencia Iberoamericana en Complejidad, Informática y Cibernética. p. 166-167. Orlando (EUA). International Institute of Informatics and Systemics, 2016. ISBN: 978-1-941763-36-0.

M. S. FERREIRA; L. C. BARROSO; J. F. ABREU. Sistema de Informações Geográficas, Análise Espacial e Geografia. Memórias da Décima Cuarta Conferencia Iberoamericana en Sistemas, Cibernética e Informática. Orlando (EUA). International Institute of Informatics and Systemics, 2015. ISBN: 978-1-941763-27-8.

P. LONGLEY *et al.* Sistemas e Ciência da Informação Geográfica [tradução de André Schneider *et al.*] Porto Alegre, Bookman Editora, 2013. ISBN: 978-85-65837-69-9.

T. B. OTTONI. Relatório aos Accionistas da Companhia do Mucury. Rio de Janeiro, 1857. Typ.Imp.e Const. J. Villeneuve e Comp. In: V. L. ARAÚJO (Org.) Teófilo Otoni e a Companhia do Mucuri: A modernidade possível. Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Arquivo Público Mineiro. Belo Horizonte: Editora Rona, 2007. ISBN: 978-85-99528-14-3.

H. F. PENA. *Carta topográfica do Mucury*. Rio de Janeiro, RJ: Pinheiro e Comp., 1859. 1 mapa, 49 x 68. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart528779.jpg>. Acesso em: 3 mar. 2016.

J. RAPHAEL. Santa Clara: ecos da ocupação do Vale do Mucuri. Vila Velha, ES: Opção Editora, 2012. ISBN: 978-85-61513-66-5.